

ORIGENS PORTUGUESAS NOS FOLGUEDOS BRASILEIROS: DAS DANÇAS MOURISCAS AO TAMBOR DE MINA¹

Mundicarmo Ferretti (Brasil)²

RESUMO

Após algumas considerações sobre as raízes portuguesas do folclore e da cultura popular brasileira, trata da importância do livro *Historia do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França* - trazido para o Brasil pelos portugueses e amplamente difundido no passado -, uma das matrizes de folguedos como a Chegança, que revivem batalhas entre mouros e cristãos. Detem-se sobre a influência daquela obra na mitologia do tambor de mina (religião afro-brasileira hegemônica no Maranhão), mostrando que a história dos encantados da família do Rei da Turquia reproduz a dos turcos daquela obra literária, mas integra elementos factuais da trajetória do negro brasileiro e da experiência de transe nas casas de culto. Adverte que a descoberta de matrizes literárias européias na mitologia do tambor de mina não nega as suas raízes africanas nem profetiza o fim dos seus apregoados segredos e de sua transmissão oral.

Palavras-chave: Identidade cultural; cultura brasileira; cultura portuguesa.

RÉSUMÉ

ORIGINES PORTUGAISES DANS LES FÊTES BRÉSILIENNES: DES DANSES "MOURISCAS" AU "TAMBOR DE MINA"

Après quelques considérations sur les racines portugaises du folklore et de la culture populaire brésilienne, on parle de l'importance du livre *Historia do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França* - apporté au Brésil par le portugais et largement divulgué à des époques antérieures - une des sources de fêtes, comme la "Chegança", qui revivent les batailles entre arabes (maures) et chrétiens. On s'arrête sur l'influence de l'oeuvre pour la mythologie du "tambor de mina" (religion afro-brésilienne hégémonique au Maranhão), tout en montrant que l'histoire des "encantados" (enchantés) de la famille du Roi de Turquie reproduit celle des turcs de l'oeuvre littéraire mentionnée, mais ajoute des éléments factuels de la trajectoire du nègre brésilien et de l'expérience du transe dans les maisons de culte. On avertit que la découverte de sources littéraires européennes dans la mythologie du "tambor de mina" ne nie pas ses racines africaines et ne prophétise pas la fin de ses fameux secrets ou de sa transmission orale.

Mots-clés: identité culturelle; culture brésilienne; culture portugaise.

Introdução

O folclore do Brasil é impregnado de influências portuguesas, indígenas e africanas. Como no decorrer dos anos os elementos herdados desses agentes formadores da sociedade brasileira foram sendo sincretizados, os traços portugueses nem sempre se apresentam atualmente de forma bastante visível nas diversas manifestações culturais onde sua presença se faz sentir e algumas delas podem apresentar um perfil bastante diferente daquele exibido hoje em Portugal ou do que deve ter sido exibido antes da independência do Brasil ou do fortalecimento da identidade cultural brasileira. Assim, causa a muitos admiração que a *Festa do Divino Espírito Santo*, de origem açoriana, realizada com grande pompa em São Luís - capital do estado do Maranhão, situada no Nordeste Ocidental brasileiro - tenha sido não só assumida por populações negras, mas também que seja realizada principalmente em casas de culto afro-brasileiro onde é associada ao culto a entidades espirituais recebidas em transe mediúnico, como a princesa africana Sepazim (na Casa das Minas), Dom Luiz Rei de França (no Terreiro de Iemanjá) e outras. Como era de se esperar e já foi demonstrado por Sergio Ferretti (ver FERRETTI, S., 1995, p. 167), a festa do Espírito Santo realizada em terreiros de mina do Maranhão apresenta muitos elementos estranhos ao catolicismo oficial e ao catolicismo popular de origem ibérica.

Outra área da cultural brasileira tradicional que tem matriz portuguesa facilmente identificável é a dos folguedos populares que exaltam as navegações portuguesas e a dos que revivem ritualmente batalhas entre mouros e cristãos - a *Chegança de Marujo* (também

¹ Apresentado na 3ª Bienal de Mascara de Bragança (Portugal) - 01-15/12/2007, promovida pela Câmara Municipal. Apoio: SEFIC/MINC - Edital 3/2007. Publicado na Revista Letras, da Universidade de Aveiro (PO), v.24, 2007.

² Doutora em Antropologia; Pesquisadora de religião afro-brasileira e cultura popular; Membro da Comissão Maranhense de Folclore; Professora Do Programa de Pós-graduação da UFMA.

denominada no Brasil Marujada, Fandango, Barca), a *Chegança de Mouro* (ou Chegança propriamente dita) e outras -, pesquisados por Câmara Cascudo (CASCUDO, 1969), Mário de Andrade (ANDRADE, 1982) e por tantos outros. Nesses folguedos são dramatizados episódios narrados no livro *História do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França* amplamente difundido no passado em Portugal e no Brasil, reproduzidos por muitos cantadores e poetas populares brasileiros (cordel). Essa obra literária é também uma das matrizes da mitologia do tambor de mina - denominação religiosa afro-brasileira predominante no Maranhão e no Norte do Brasil, equivalente ao Candomblé da Bahia, como veremos a seguir.

Como esclarece Câmara Cascudo (CASCUDO, 1969), o livro *História do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França* é baseado em obra publicada na França, em 1485, com o título *Conquêtes du Grand Charlemagne*, traduzida e publicada em 1525 na Espanha, com o título *Historia del Emperador Carlos Magno y de los Doze Pares de Francia; y de la Cruda Batalla que Ovo Olivero con Ferrabrás, Rey de Alexandria, Hijo del Grande Almirante Balán*. Segundo informação de Teófilo Braga, no seu livro *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*, v. II (BRAGA, T., 1986), o referido livro começou a ser publicado em Portugal em 1615 e teve muitas edições. A obra original foi depois reunida a outras produzidas em épocas diversas, como ocorreu com a que localizamos em São Luís no terreiro da Turquia e que já havia chegado às nossas mãos através da pesquisadora sergipana Beatriz Góis Dantas. De acordo com informações contidas em sua folha de rosto, o livro que tivemos a oportunidade de analisar foi traduzido do castelhano por Jeronymo de Carvalho e incluía a *Historia de Bernaldo Del Carpio que venceu em batalha aos doze pares de França*, de autoria de Alexandre Flaviense.

No Brasil o livro *História do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França* inspirou a organização social de Contestado (interior de Santa Catarina), onde o Monge José Maria liderou em 1910-1914 importante movimento social rural (QUEIROZ, 1976, p. 277). Devido a sua influencia, muitas crianças brasileiras foram batizadas com o nome de seus personagens, como Roldão, Ricarte, Floripes, que continuam adotados pela população maranhense. No final da década de 1980, realizando pesquisa sobre entidades espirituais não africanas do tambor de mina, constatamos também a grande importância daquele livro na mitologia do tambor de mina (FERRETTI, M. 1989; 1992), não só nos nomes dos encantados, como também no perfil e na mitologia dos turcos - entidades espirituais ali recebidas em transe mediúnico - que se tornaram mais numerosas e conhecidas no final do século XIX, com a abertura de uma casa de culto que ficou conhecida como Terreiro da Turquia.

Rei da Turquia em terreiros de São Luís: A importância de um livro na mitologia do tambor de mina³

A análise da história do *Rei da Turquia* - que chefia espiritualmente o terreiro que ficou conhecido como da Turquia -, mostra a grande influência na mitologia do tambor de mina do livro *História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França*. A comparação por nós realizada do texto literário com versões orais do mito da família do Rei da Turquia, recolhidas por nós em terreiros maranhenses ou ligados a eles, permite encarar essas últimas como variações e atualizações daquela obra literária ao contexto religioso particular em que foram produzidas.

A leitura daquele livro nos foi sugerida pela primeira vez no final de 1983 na Casa de Fanti-Ashanti, por dois caboclos de Pai Euclides, mas só cinco anos depois aquele livro nos foi mostrado no terreiro da Turquia (desde 1971 sob o comando daquele pai-de-santo). O exemplar do precioso livro fora adquirido em São Luís em 1934 pela madrinha de Dona Zeca (filha da fundadora), que dançava mina com D. João e que organizava uma animada Chegança.

³ Retoma texto publicado em: MOURA Carlos Eugênio Marcondes de (Org.). *Meu Sinal Está no Seu Corpo*. São Paulo: EDICON/EDUSP, 1989 (p.202-218) e trabalho apresentado no *I Encontro de História Antiga e Medieval do Maranhão*, realizado em São Luís, na UEMA, de 8 a 11 de novembro de 2005.

A *História do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França*, inspirada na gestas de Carlos Magno, nas lutas contra os mouros na península Ibérica e nas cruzadas, coloca o soberano francês Carlos Magno e doze dos seus fiéis vassallos conhecidos como "os pares de França", em confronto com os turcos, também chamados mouros, vistos na obra como pagãos e infiéis. Os turcos são ali comandados pelo Almirante Balão que tem a seu lado seu filho Ferrabrás, homem agigantado e feroz, Rei de Alexandria, de quem nos ocuparemos mais particularmente aqui, por ter surgido no tambor de mina como Rei da Turquia.

Segundo é narrado naquela obra, após os turcos terem se apoderado em Roma de relíquias dos cristãos, sob o comando de Ferrabrás, e estando Jerusalém por eles sitiada o patriarca de Constantinopla solicita ajuda de Carlos Magno, na época também Imperador de Roma. Derrotados os turcos Carlos Magno e os doze pares de França são desafiados para um duelo com Ferrabrás e a luta desenvolve-se entre este e Oliveiros que se encontrava ferido. Apesar de demonstrar grande bravura Ferrabrás é vencido e convertido ao cristianismo por Oliveiros e é por este levado à presença de Carlos Magno como um homem nobre, forte, valente, honrado e de coração magnânimo. O Almirante julgando ter sido seu filho aprisionado pelos cristãos ordena um ataque aos cristãos e consegue levar como prisioneiros quase metade dos pares de França. De posse dos prisioneiros, o Almirante envia embaixada a Carlos Magno propondo trocá-los por Ferrabrás, mas no caminho aquela se confronta com outra enviada pelo soberano francês e é por ela, rechaçada, enquanto os cristãos rumam para Águas Mortas, território do Almirante.

Julgando sua embaixada vitoriosa o Almirante acomoda os cristãos no palácio e estes são reunidos por Floripes, filha do Almirante, aos que estavam prisioneiros (ela que há muito se apaixonara por um cristão, em Roma, quando ali estivera com o pai e o irmão durante uma "justa"). Descoberta a manobra os cristãos são atacados pelos turcos, mas um deles, Ricarte, consegue fugir para avisar Magno, atravessando um rio atrás de um veado branco que por ali se encontrava.

Acampando primeiro no outeiro próximo a Águas Mortas, Carlos Magno com a ajuda de Ferrabrás (já batizado), entra na terra do Almirante e após sangrenta luta consegue vencer os turcos. O Almirante, acometido de ataque epiléptico durante o combate, é poupado mais de uma vez por Ferrabrás que, preocupado com a matança dos turcos e com o destino do pai devido a sua resistência ao cristianismo, critica a frieza com que sua irmã colaborava com os cristãos. Vencido e não aceitando o cristianismo, apesar dos rogos do filho, o Almirante é morto e enterrado com honras militares. Com a morte do Almirante a Turquia foi pacificada e convertida e suas províncias foram divididas entre Ferrabrás e Guy de Borgonha (que desposara Floripes, batizada logo após o combate). Carlos Magno volta à França levando consigo as relíquias que estiveram em poder dos turcos e logo depois Floripes e Guy de Borgonha, juntam-se a ele, preferindo servi-lo como vassallos do que como reis.

A *História de Carlos Magno e os doze pares de França* relata ainda outros combates entre mouros e cristãos, ocorridos após a morte do Almirante, sempre sem a participação deste, cuja ausência nunca é justificada, e a coroação de Ferrabrás. Nesses novos combates, que são travados na Galiza, em Córdoba, Toledo, Saragoça, os turcos são coadjuvados por reis africanos (às vezes gigantes), como o soberano da Etiópia e o Sultão do Egito.

Vítimas de emboscada em Roncesvalles morrem os doze pares de França e pouco tempo depois o próprio Carlos Magno. A obra, que já fizera grande silêncio em torno de Ferrabrás, não fala do destino de Floripes e das princesas turcas Angélica e Galiana (desposadas por Roldão e Carlos Magno), após o falecimento de seus maridos. Teriam aqueles turcos convertidos ao cristianismo se reencontrado apenas no tambor de mina, como encantado? Até que ponto podem ser facilmente reconhecidos no tambor de mina? É o que passaremos a examinar.

Rei da Turquia, o Ferrabrás de Alexandria?

Antes de sua entrada na mina os turcos ou mouros do romance de Carlos Magno já eram bastante conhecidos em São Luis através daquela obra literária e das Cheganças. E, como lembra CASCUDO (1969), as vitórias contra os mouros eram muito festejadas tanto em

Portugal como no Brasil, desde o período colonial, muitas vezes com propósitos catequéticos. Contudo na mina os turcos aparecem como fortes guerreiros e não como vencidos, daí serem tão invocados para resolver casos de demanda. Tentando explicar a visão positiva dos turcos encontrada no Batuque de Belém sugerem os LEACOCK (1975), que tal visão foi possível porque negros que representavam a vitória dos cristãos contra os mouros, na intimidade de suas cerimônias religiosas rendiam homenagem àqueles inimigos dos cristãos. Na mina maranhense essa reelaboração da imagem dos turcos deve ter sido também facilitada pelas ligações de Mãe Anastácia (fundadora do terreiro da Turquia) com turcos de São Luís que deram a ela a foto de um sultão que foi associado ao Rei da Turquia, encontrada hoje na casa por ela fundada e na Casa de Fanti-Ashanti. Como no Brasil os sírio-libaneses são também chamados turcos e, segundo CORREIA LIMA (1981 p.28), dois dos três chegados a São Luís em 1886 (três anos antes da abertura do terreiro da Turquia) eram maometanos, é provável que não fossem cristãos os turcos que deram a Mãe Anastácia aquele retrato do “Rei da Turquia”.

Poucos são os personagens turcos ou mouros da *História do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França* que entraram na mina como encantados. Fora o Ferrabrás (Rei da Turquia), foram também ali recebidos: o Almirante Balão (seu pai), Floripes (sua irmã), e a princesa Angélica (que casou com Roldão, sobrinho de Carlos Magno). É possível que mais alguns daqueles personagens tenham entrado na mina com outros nomes, integrando-se à família do Rei da Turquia, pois alguns dos filhos de Seu Turquia são ligados a lugares onde ocorreram lutas entre mouros e cristãos (Guerreiro de Alexandria, e Mensageiro de Roma), como já tivemos oportunidade de assinalar.

O romance de Carlos Magno fala das origens de Ferrabrás, de sua participação em batalhas contra os cristãos, de sua conversão e de sua coroação por Carlos Magno (após a morte de seu pai). Mas, apesar de narrar os casamentos de Floripes, Angélica e Galiana (princesas turcas) com cristãos (Guy de Borgonha, Roldão e Carlos Magno), não faz referência a casamento de Ferrabrás antes ou depois do seu batismo. Neste sentido conta apenas uma parte da história do Rei da Turquia e não trata da família poligâmica e extensa por ele constituída e que “baixa” nos terreiros e mina. Alguns dos episódios da história de Seu Turquia contados nos terreiros de mina, apesar de fugirem inteiramente ao romance de Carlos Magno, são conhecidos fora do tambor de mina como é o caso das disputas do Almirante Balão com D. João e o da participação dos turcos na guerra do Paraguai, narradas nas Cheganças de Marujo de Natal (RN), documentadas por Mário de ANDRADE (1982-III p.224; 1983 p.247), onde os mouros aparecem como definitivamente pacífica dos pelo Duque de Caxias.

Embora o romance de Carlos Magno não fale da família constituída por Ferrabrás e das filhas de sua irmã Floripes, conta-se na mina que esta não tendo filhos com Guy de Barganha adotou muitas princesas egípcias (ciganas) como filhas, dando a elas nomes começados com a palavra Flor: Flor Divina, Flor da Aurora, Flor de Lis, e muitos outros. A linha de princesas comandadas por Floripes era recebida no terreiro da Turquia, no tempo de Mãe Anastácia, no segundo dia das festas realizadas em homenagem a voduns e ao Rei da Turquia e, como nos foi informado, gostavam de comer abóbora crua e principalmente toucinho cru.

Na mina fala-se que o Rei da Turquia tem três famílias numa só: Ferrabrás, Ramos e Borgonha, segundo Pai Euclides, ou Ferrabrás, Ramos e Mouro, conforme Pai Jorge. Há um tabu em relação às esposas de Seu Turquia daí porque só uma delas, Leonor, tem nome conhecido. Os turcos costumam apresentar como mãe sua irmã mais velha, Douro, associada a Joana d’Arc (morta na fogueira da Inquisição, em 1431, acusada de feitiçaria, e depois canonizada pela Igreja Católica).

De acordo com a mitologia da mina maranhense, o Rei da Turquia, conhecido por seu paganismo e sua participação em lutas contra os cristãos, foi batizado antes de entrar na mina e de se encantar num veado branco (o que guiou Ricarte na travessia do Rio?). Mas os relatos de sua chegada no Maranhão e de sua atuação no terreiro da Turquia sugerem que sua conversão não foi suficiente para acabar com suas inimizades com os cristãos europeus e que aquelas só devem ter sido resolvidas na mina, quando escolheu D. João, Roldão, Oliveiras e outros como padrinhos de seus filhos. No Terreiro da Turquia os turcos tinham também como padrinho o vodum Averequete, quem “abre as portas” para as entidades caboclas nos toques de tambor de mina, o que atesta também a sua integração às entidades espirituais africanas.

Na versão de Pai Jorge, o Rei da Turquia foi trazido para o Maranhão como prisioneiro, por D. Luís Rei de França, que surgiu como encantado na Casa de Nagô (terreiro de São Luís fundado por africanas na primeira metade do século XIX) na mesma época em que ele foi recebido por Mãe Anastácia no Terreiro da Turquia. De acordo com Pai Euclides, o Rei da Turquia atravessou o Atlântico e veio passear no Maranhão com D. João, quando assistiu uma festa na aldeia de Caboclo Velho, mas desgarrou-se dele, quando visitava o lugar hoje conhecido como Outeiro da Cruz, próximo ao local onde Mãe Anastácia implantou seu terreiro, não prosseguiu viagem e teve que ficar no Maranhão. Circula também nos terreiros de São Luís uma versão, divulgada por Rosário SANTOS (1986, p.54), segundo a qual o Rei da Turquia chegou no Maranhão à procura de suas filhas, versão esta inteiramente compatível com a história de Mariana contada por Pai Francelino de Xapanã (SP), em transe com aquela entidade, segundo a qual o Rei da Turquia por ocasião de um dos seus muitos combates, diante de uma derrota eminente colocou três filhas suas num navio que rumou para Porto Seguro (Bahia?), que desviado pela correnteza, naufragou na costa do Maranhão. Mariana, Jarina e sua outra irmã foram acolhidas pelo Rei Sebastião, já instalado com toda a sua corte na praia dos Lençóis (MA), após a batalha de Alcacer Quibir, onde foi dado por desaparecido. Como Jarina era muito criança permaneceu aí e passou a ser considerada filha do Rei Sebastião.

Embora não haja referência explícita na literatura consultada sobre o surgimento como encantados dos turcos do romance de Carlos Magno em outras denominações da religião afro-brasileira, na Bahia, Ferrabrás é citado como um dos nomes de Xangô (SANTOS, M. Victoriano dos, 1940 p.343), e cânticos ligados ao Candomblé de Caboclo fazem referência à terra de Mouro (LODY, 1985 p. 140). Bastide refere-se também a introdução de elementos dos reisados ou congadas no ritual de preparação de uma ialorixá de um terreiro shambá de Recife e chama atenção para a existência de elementos do folclore estrangeiro em "seitas" menores da religião afro-brasileira (BASTIDE, 1971 p.379; 519). Deste modo, pode-se afirmar que, embora o Rei da Turquia tenha "nascido" como encantado na mina maranhense, poderia também ter surgido em um terreiro da Bahia, de Pernambuco ou de outro estado brasileiro onde os turcos do romance de Carlos Magno são também conhecidos e admirados.

Considerações finais

Embora a história do Rei da Turquia aqui examinada não esteja acabada mostra que as entidades espirituais não africanas do tambor de mina, tal como os voduns, têm uma organização familiar e uma mitologia desenvolvida, que merecem ser conhecidas, e que aquelas entidades nem sempre podem ser vistas como "donas da terra" ou "ancestrais" dos grupos a que estão vinculadas, como têm sido geralmente considerados os caboclos, os pretos velhos e outras entidades afro-brasileiras do candomblé e da umbanda. A entidade espiritual conhecida por Rei da Turquia, embora tenha entrado na mina após a abertura de vários terreiros em São Luís, foi recebida por negros antes da entrada no Maranhão dos primeiros imigrantes sírio-libaneses (freqüentemente chamados turcos no Brasil), mais tarde miscigenados às populações locais.

Já conhecidos na literatura e no folclore como guerreiros, os turcos foram recebidos na mina numa época em que os negros maranhenses encontravam-se envolvidos em muitas batalhas ou tinham delas lembranças muito vivas (Balaiada, guerra do Paraguai, abolição) e, longe de terem entrado como inimigos dos cristãos ou para competir com as entidades africanas, entraram como guerreiros associados aos santos e aos voduns na defesa da causa dos negros. Assim, o Rei da Turquia não só escolheu um "cavalo" (médiun de incorporação) que pertencia a Xangô como também convidou no terreiro aberto para ele por Mãe Anastácia o vodum jeje Averekete, a ele associado, para padrinho dos turcos e aceitou São João, um dos santos relacionados na mina àquele orixá que, por sinal, estava sendo festejado no dia que Mãe Anastácia recebeu pela primeira vez aquela entidade, daí porque a festa do Rei da Turquia era realizada em seu terreiro no dia 24 de junho - dia de São João no calendário católico.

A história do Rei da Turquia na mina maranhense é também uma demonstração de como a mitologia pode apoiar-se em matrizes diferentes e reunir elementos factuais

contemporâneos a velhos temas da literatura e do folclore. Assim, parte do romance de Carlos Magno, mas integra as migrações "turcas" do final do século XIX e início do século XX, daí porque o Rei da Turquia é associado ao Ferrabrás de Alexandria e a um sultão admirado por um "turco" de São Luís, amigo de Mãe Anastácia, cujo retrato foi dado a ela⁴. O Rei da Turquia, entrando na mina no final do século XIX, fez com que a história do Ferrabrás fosse sendo enriquecida pela narrativa de episódios desconhecidos no romance de Carlos Magno, feita "por ele" incorporado em Mãe Anastácia, e pelo relato de sua atuação "em Terra" no Terreiro da Turquia (vinda para o Maranhão; constituição de família com três esposas; entrada na aldeia de Caboclo Velho; participação na guerra do Paraguai; aliança com voduns mina-jeje, com D. João e com cristãos contra quem combatera no romance de Carlos Magno antes de sua conversão ao cristianismo - Roldão e Oliveiras - e outros episódios mencionados por nós em trabalhos anteriores - FERRETTI, M., 1989; 1992).

Na história do Rei da Turquia mito e rito influenciam-se mutuamente de modo bastante claro. Assim, fala-se que Seu Turquia incorporado no terreiro de Mãe Anastácia dançava com espada, lembrando suas mitológicas batalhas, e sua história contada na mina maranhense fala de sua amizade com o vodum Averekete que, incorporado em Mãe Pia, do terreiro do Egito, batizou todos os turcos na casa de Mãe Anastácia. Deste modo o rito realizado no terreiro de Turquia não só contribuiu para a explicitação do mito de Seu Turquia como também forneceu material para seu desdobramento e atualização. Mas o mito de Seu Turquia foi também enriquecido por conclusões tiradas por pais e mães-de-santo que recebem encantados turcos (como as de Pai Jorge, a respeito de sua vinda com D. Luis). Deste modo, embora se possa dizer que o Rei da Turquia da mina é o Ferrabrás do romance de Carlos Magno aquele personagem literário não é facilmente identificado ou reconhecido entre os encantados turcos pelos atuais adeptos do tambor de mina, uma vez que na mina são mais conhecidos os episódios de sua história que não são conhecidos em sua matriz original - na *Historia do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França*.

A história do Rei da Turquia na mina Maranhense chama também atenção para a falta de fronteiras absolutas entre cultura nacional e cultura importada, e entre cultura letrada e cultura oral. A vinculação da mina maranhense às populações negras e de baixa renda tanto na época da abertura do terreiro de Mãe Anastácia como hoje (cerca de cem anos após aquele acontecimento) não impediu que um romance europeu penetrasse nos terreiros de São Luís e exercesse profunda influência na mitologia do tambor de mina. Não obstante o alto índice de analfabetismo das camadas populares maranhenses e, conseqüentemente, dos membros dos terreiros, as casas de mina sempre contaram com pessoas que sabiam ler e escrever entre seus intelectuais. Assim, Nunes Pereira, falando a respeito da Casa das Minas (jeje), no passado, faz referencia a "um livro" que era lido por algumas mães da casa e depois por um negro que vinha da Bahia (NUNES PEREIRA, 1979 p. 32). Fala-se também em São Luís que Mãe Anastácia deixou no Terreiro da Turquia "um livro" de anotações (caderno de capa dura, semelhante aos usados para registro de Atas de reuniões?). E a pesquisadora Maria Amália Barreto (BARRETO, 1977 p.57) comenta um livro por ela encontrado na Casa Fanti-Ashanti, escrito por Pai Euclides para seus filhos-de-santo, que parece ter sido uma versão preliminar de obra por ele publicada dez anos mais tarde (FERREIRA, 1987).

A referencia por membros de terreiros de São Luís a livros com informações sobre o tambor de mina e a existência comprovada de uma matriz literária européia na mitologia dos turcos do tambor de mina (a *História do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França*) não nega as raízes africanas do tambor de mina, nem profetiza o fim dos seus apregoados segredos e de sua transmissão oral. Mas demonstra a possibilidade de integração de elementos de matrizes diferentes na sua mitologia e mostra que no tambor de mina a oralidade não é absoluta e que segredos podem ser também guardados em livros, como parece anunciar a letra de uma toada cantada em terreiros de São Luís:

*O meu pai me deu um livro q'eu estudava noite e dia
pra mim saber os segredos das três virgens da Turquia.*

⁴ Provavelmente Mehmed Sesat V, que governou a Turquia de 1909 a 1918, de acordo com dados de enciclopédia muçulmana a nós encaminhados pelo pesquisador Mathias Assunção (DEDEOGLU, Abdulkadir. *Osmanlilar Albumu*. Istambul: Ed. Os manli Yayinevi, 1976 (Album do Reino Otomano).

Bibliografia citada

ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas do Brasil**, vol. 3. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, 1982.

----- . **O turista aprendiz**. S. Paulo, Duas Cidades, 1983.

ASSUNÇÃO, Mathias R. **A guerra dos Bem-te-vis: a Balaiada na memória oral**. São Luis, SIOGE, 1988.

BARRETO, Maria Amália P. **A Casa de Fanti-Ashanti em São Luis do Maranhão**. Rio de Janeiro, UERJ/Museu Nacional, 1987 (tese de doutorado em Antropologia).

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. Contribuição a uma Sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo, Civilização, 1971.

BRAGA, Teófilo. **O povo português nos seus costumes, crenças e tradições**. v. II. Lisboa Publicações Dom Quixote, 1986.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Ed. de Ouro, 1969.

CORREIA LIMA, Olavo. **Sírios e libaneses do Maranhão**. São Luis, s.ed, 1981.

FERREIRA, Euclides M. **A Casa Fanti-Ashanti e seu alaxé**. São Luís: Ed. Alcântara, 1987.

FERRETTI, Mundicarmo. **Rei da Turquia, o Ferrabrás de Alexandria?** A importância de um livro na mitologia do tambor de mina. São Paulo, EDICON/EDUSP, 1989.

----- . **Repensando o turco no tambor de mina**. Afro-Ásia, Salvador: CEAO/UFBA, n. 15, abr. p.56-70, 1992.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Querebentan de Zomadonu**, etnografia da Casa das Minas. São Luís: UFMA, 1985.

----- . **Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas**. São Paulo. EDUSP, 1995.

HISTORIA DO IMPERADOR CARLOS MAGNO E OS DOZE PARES DE FRANÇA. Tradução de Jerônimo Moreira de Carvalho. Rio de Janeiro, Livraria Império, s.d. (300 p.).

LEACOCK, Seth and Ruth. **Spirits of the Deep: a study of afro-brazilian cult**. New York, Anchor, 1975.

LODY, Raul. Sobrevivências islâmicas no Candomblé da Bahia. in: MOTTA, Roberto. **Os afro-brasileiros**: Anais. Recife. Ed. Massangana, 1985. Coleção culto afro-brasileiro: um documento do Candomblé na cidade de Salvador. Salvador: FUNC do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, 1985.

NUNES PEREIRA, Manoel. **A Casa das Minas, culto dos voduns no Maranhão**; Petrópolis, Vozes, 1979.

OLIVEIRA, Jorge Itaci de. **Orixás e voduns nos terreiros de Mina**. São Luis: VCR produções e Publicidades, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. 2ª ed. revista e aumentada. São Paulo, Alfa-Omega, 1976.

SANTOS, Maria do Rosário Carvalho. **Boboromina; Terreiros de São Luís do Maranhão**, uma interpretação sócio cultural. São Luis, UFMA, 1986 (18 p. mimeo).

SANTOS, Manoel Victoriano dos. O mundo religioso do negro da Bahia. in: **O negro no Brasil**, trabalhos apresentados no 2º Congresso afro-brasileiro - (Bahia). Rio de Janeiro, Civilizações, 1940 (p.343).